EXPRESSO ZAHAR

Uma tragédia grega

OS PERSAS

Ésquilo

ÉSQUILO

OS PERSAS

Tradução do grego

MÁRIO DA GAMA KURY

SUMÁRIO

Ésquilo: OS PERSAS

Introdução

Tradução

Notas

ÉSQUILO

OS PERSAS

INTRODUÇÃO

O AUTOR E A OBRA

Ésquilo, o mais antigo dos três grandes dramaturgos gregos e criador da tragédia em sua forma definitiva, nasceu em Elêusis, nas proximidades de Atenas, em 525 ou 524 a.C.; combateu nas batalhas de Maratona e Salamina contra os invasores persas de sua pátria, e morreu no ano de 456 a.C.

Ele escreveu cerca de 90 peças, das quais nos restam completas as *Suplicantes*, encenadas em data incerta (entre 499 e 472 a.C.); *Os Persas*, representados em 472 a.C.; os *Sete Chefes contra Tebas* (em 467 a.C.); o *Prometeu Acorrentado* (data incerta, provavelmente próxima ao ano de estréia de *Oréstia*); o *Agamêmnon*, as *Coéforas* e as *Eumênides* (que compõem a trilogia conhecida como *Oréstia*), representadas pela primeira vez em 458 a.C., todas estreadas em Atenas.

A descoberta de um fragmento de papiro em 1952 introduziu dúvidas na cronologia tradicional constante do parágrafo anterior, levantando a possibilidade de *Os Persas* serem a mais antiga das tragédias conservadas. Trata-se, entretanto, de mera conjectura, que por enquanto não tirou das *Suplicantes* a primazia geralmente aceita.

Os Persas apresentam a singularidade de serem a única tragédia grega subsistente baseada em um acontecimento histórico — a guerra entre os gregos e os persas. Outra singularidade é que Ésquilo participou da guerra como combatente naquele confronto decisivo para a sorte da civilização ocidental no primeiro quarto do Século V a.C.

Antes de Ésquilo o poeta Frínico já havia apresentado em Atenas, em 493 a.C., a *Captura de Mileto* (sobre a conquista da cidade pelos persas) e em 476 as *Fenícias*, cujo assunto era também a derrota dos persas pelos gregos (destas duas tragédias restam apenas escassos fragmentos).

Os Persas giram em torno do desastre em que os invasores da Grécia viram suas forças navais aniquiladas pelos gregos em Salamina, onde pereceu a maior parte dos combatentes bárbaros comandados por Xerxes. A peça transcorre em Susa, capital do império persa. Os anciãos da nobreza local — os Fiéis —, designados pelo rei Xerxes por ocasião de sua partida à frente da expedição para aconselharem Atossa, a rainha-mãe, inquietos com a falta de notícias de seus compatriotas, reúnem-se para deliberar sobre o prolongamento da ausência do rei e de seus comandados. A rainha-mãe aparece para revelar um sonho dúbio que tivera na noite anterior. Os anciãos insistem com Atossa para elevar preces aos deuses e pedir a proteção dos espíritos dos mortos com sacrifícios e oferendas capazes de afastarem de seus súditos as ameaças contidas no sonho. Antes de atender ao pedido a rainha-mãe se detém para fazer perguntas a respeito do comportamento dos atenienses diante das forças persas. Pouco tempo depois entra em cena apressadamente um mensageiro para relatar o aniquilamento da frota persa em frente a Salamina e as agruras dos poucos sobreviventes do exército em sua retirada de volta

à pátria. Diante disso Atossa resolve oferecer sacrifícios junto à tumba de seu marido Dario, cujo espírito, despertado pelas encantações do Coro, condena a tentativa de invasão da Grécia, profetiza a derrota final dos persas em Platéia por causa de sua insolência e de seus sacrilégios diante dos templos e dos deuses gregos, e atribui à arrogância (*hybris*) dos invasores a ruína de Xerxes. A parte final da peça mostra a chegada a Susa de Xerxes, cuja figura desarvorada confirma o fim de seu orgulho e de sua presunção desmedidos, e também a extinção do poderio persa.

A sensibilidade trágica de Ésquilo levou-o a escolher a capital do império persa para cenário da peça, cujos personagens são todos persas. Com efeito, entre os gregos vitoriosos predominava o júbilo enorme diante de uma vitória, cujo resultado era a sobrevivência da Grécia, que se tivesse sido derrotada passaria a ser mais uma das inúmeras satrapias persas. E o júbilo é incompatível com o trágico. Além disso, o espírito grego não se comprazia com lamúrias, que em decorrência da escolha de Ésquilo são postas com naturalidade na boca dos persas; estes, como os orientais em geral, eram dados a demonstrações infindáveis de dor, tanto assim que os próprios gregos, ainda na época histórica, contratavam carpideiras de diversas regiões da Ásia para suas cerimônias fúnebres. Acrescente-se que os elogios aos gregos postos na boca dos persas (por exemplo, nos versos 304, 1318 e 1319) eram ainda mais significativos do que seriam se ditos por gregos.

Soam com maior naturalidade, também, as numerosas referências às riquezas incalculáveis dos persas, em contraste com os recursos modestos e a simplicidade dos gregos, e ao culto do ouro entre os persas (por exemplo, os versos 4-5, 14, 55, 68, 175, 181, 315). A arrogância dos persas também se mostra com maior nitidez nas palavras deles mesmos. Aos gregos da época de Ésquilo causava certamente espanto a subserviência dos persas diante do rei e da rainha, em frente dos quais eles se prosternavam chamando-os de deuses, e principalmente a prepotência do rei em relação aos súditos (vejam-se, por exemplo, os versos 256-257). As referências à Grécia limitam-se a Atenas e a Salamina. Também parecem naturais, diante da arrogância dos dignatários persas, as referências à enorme superioridade numérica dos invasores (vejam-se os versos 303-304, e 768 e seguintes).

O desconhecimento dos gregos a respeito de outras terras e outros povos explica o recurso de Ésquilo a enumerações dos persas participantes da guerra, bem como dos chefes dos contingentes das numerosas regiões sujeitas ao domínio persa na época da guerra, também mencionados exaustivamente por Ésquilo. O dramaturgo, como combatente do lado grego, tinha na época em que escreveu a peça um conhecimento direto desses dados, que certamente maravilhavam os espectadores do teatro ateniense em que se encenavam suas peças. Obviamente esses detalhes não causam hoje o mesmo efeito sobre os leitores, aos quais podem parecer até cansativos.

A estrutura dos *Persas* — uma das tragédias gregas mais antigas — é muito simples e nela prevalece ainda a parte lírica (os coros). Nestas circunstâncias não devemos compará-la com outras peças posteriores, representativas da plenitude do gênero, inclusive as três tragédias componentes da *Oréstia* do próprio Ésquilo, principalmente com o *Agamêmnon*. Devemos apreciá-la isoladamente, em sua condição excepcional de peça baseada em um fato histórico,

que limita o poder criador do poeta, atado a acontecimentos praticamente contemporâneos da tragédia, em contraste com as demais produções do mesmo autor e de seus grandes sucessores — Sófocles e Eurípides.

Nossa tradução baseia-se principalmente no texto constante da valiosa edição de H.D. Broadhead, que inclui uma ampla introdução e notas abundantes, além de um comentário exaustivo (*The Persae of Aeschylus*, Cambridge, University Press, 1960). Consultamos também as edições de Gilbert Murray (Oxford, Clarendon Press, 1955) e de Paul Mazon (Paris, "Les Belles Lettres", 1946).

Época da ação: 480 a.C., pouco tempo depois da batalha de Salamina, em que os gregos derrotaram os persas.

Local: Susa, capital do império persa.

Primeira representação: 472 a.C., em Atenas.

PERSONAGENS

ATOSSA, rainha-mãe dos persas, mãe de Xerxes, viúva de Dario

XERXES, rei dos persas

FANTASMA DE DARIO, pai de Xerxes

MENSAGEIRO

CORO de anciãos persas (os Fiéis)

Os gregos, ou helenos, são chamados também de iônios.

Cenário

Ao fundo, o palácio real, diante do qual se reúnem os Fiéis (anciãos conselheiros do rei), componentes do CORO, *que entram lentamente em cena.*

CORO

Aqui estamos nós, que entre os persas
atualmente ausentes lá na Grécia
somos chamados de Fiéis por todos,
vigias da opulência de um palácio
onde há imensa quantidade de ouro.
Em decorrência de nossa nobreza
o próprio Xerxes, grande rei da Pérsia,
filho do rei anterior, Dario,
deu-nos a incumbência de zelar
pelo país durante sua ausência.
O coração, porém, profeta inquieto,
já pressagia em nosso peito aflito
calamidades quanto à volta à pátria
do enorme exército coberto de ouro
e de nosso senhor, seu comandante;
as forças todas dos Filhos da Ásia
levadas para a guerra já murmuram
contra seu jovem rei, e não chegou
à capital dos persas um arauto
ou mensageiro em rápido corcel,
embora o esperemos ansiosos.
Deixando Ecbátana, deixando Susa
e as antiqüíssimas muralhas císsias[1],
partiram incontáveis combatentes,
uns a cavalo, outros em muitas naus

e a pé o grosso de nossos soldados,
a multidão de bravos lutadores.
Foram assim para as duras batalhas
Amistres, Artafernes, Megabates
e Astaspes, os comandantes dos persas,
submissos apenas ao grande rei,
à frente de forças incalculáveis.
Com eles foram seus archeiros ótimos
e seus assustadores cavaleiros,
terríveis nos combates, impelidos
pela bravura de seus corações.
Estavam entre eles Artembares,
que luta sem abandonar seu carro,
Masistes e Imeu irresistível,
archeiro triunfante, e Farandaces,
que sempre fustigava seu cavalo.
O caudaloso Nilo fecundante
contribuiu também com muitos homens:
Susícanes, Pegástenes ilustre,
filho do rei Egito[2]; Artames, rei
da sacra Mênfis, e o senhor de Tebas,
cidade muito antiga — Ariomardo —,
e os hábeis navegantes, cujos barcos
avançam rápidos vencendo os pântanos,
constituindo um contingente imenso.
Vinha em seguida a multidão de lídios
voluptuosos, que dominam sós
todos os povos de seu continente.
Artreu e Metrogartes valorosos,
seus régios chefes, e Sárdis dourada

deram-lhes ordens para ir lutar
em carros aos milhares e puxados
por quatro e seis cavalos, agrupados
em esquadrões — insólito espetáculo!
Os reis da região do alto Tmolo[3],
montanha sacra — Táribis e Márdon,
dois baluartes diante da lança[4] —,
alardeavam sua decisão
de impor impiedosamente aos gregos
o jugo da penosa escravidão
valendo-se de seus mísios exímios
no lançamento dos dardos mortíferos.
Da Babilônia, outra cidade áurea,
chegaram multidões de combatentes
em suas naus, soldados orgulhosos
dos arcos que empunhavam com mãos fortes.
À sua retaguarda, recrutados
em toda a Ásia, vinham combatentes
armados com espadas, sempre dóceis
às ordens terminantes de seu rei.
Estava de partida a fina flor
dos guerreiros de todo o império persa,
e por eles chorava a Ásia inteira
repleta de saudade. Pais e esposas
estão aqui contando os muitos dias
e trêmulos com o tempo que se alonga.
Sem dúvida o exército real
já atingiu, devastador, as praias
adversas do continente vizinho,
e pelas longas pontes sustentadas

por fortes cabos rígidos de linho
transpôs o estreito de Hele Atramantida[5],
lançando sua estrada de mil juntas
como se fosse um jugo odioso posto
sobre a cerviz do mar[6]. O impetuoso
imperador da Ásia populosa
levou por duas rotas diferentes
o seu rebanho humano incalculável,
disposto a conquistar o mundo inteiro.
Para guiar o exército e a frota
o descendente da chuva de ouro[7],
mortal igual aos deuses, confiou
em seus intrépidos e rudes chefes.
Brilhava em seu olhar o azul sombrio
do dragão sanguinário; ele movia
braços e naus sem conta, e fustigando
seus corcéis sírios levava ao ataque
heróis que a lança de Ares, detentor[8]
do arco vencedor, glorificava.
E quem conseguiria enfrentar
aquele irresistível fluxo humano?
Seria o mesmo que tentar conter
o ímpeto fortíssimo dos mares
com anteparos, mesmo os mais sólidos!
O exército da Pérsia é invencível
como seu povo de ânimo valente.
O destino fixado pelos deuses
para nós, persas, desde a antigüidade,
envolve-nos em guerras sucessivas,
em que as muralhas altas desmoronam,

os cavaleiros chocam-se lutando
e são aniquiladas as cidades.
Mas nossos nautas também aprenderam
nas amplas rotas que o vento veloz
cobre de espuma alva, a observar
a vastidão do sacrossanto mar,
confiantes em suas boas cordas
e em suas numerosas invenções,
que lhes permitem transportar os homens.
Mas a angústia enluta e dilacera
as nossas almas. “Ai! Guerreiros persas!”,
eis o lamento que irá chegar
dentro de pouco tempo à nossa terra,
à cidade magnífica de Susa,
vazia de seus filhos incontáveis!
Será ouvida a resposta dos císsios
em sua cidadela: “Ai!”. É isso
que um dia gritará a multidão
confusa das mulheres, cujas mãos
irão rasgar seus vestidos de linho.
Ah! Toda uma população de infantes
e cavaleiros teve de partir
como se fosse uma nuvem de abelhas,
seguindo o condutor de nossas forças.
Eles cruzaram os dois promontórios[8a]
atualmente unidos e comuns
aos continentes antes separados.
Os leitos nupciais hoje transbordam
de lágrimas de esposas solitárias
saudosas dos maridos que se foram.

Cada mulher daqui viu a partida
de seu consorte cheio de coragem,
e lânguida de uma tristeza intensa
por ter ficado aqui sem seu amado
está sofrendo a dor da solidão.
Vamos sentar-nos, persas, nos degraus
deste palácio antigo e procuremos
algum conselho sábio e ponderado;
necessitamos dele, pois queremos
saber o que acontece no presente
com o rei Xerxes, filho de Dario,
o mais nobre varão de nossa raça
e detentor do nome dos avós.
Estará triunfando o arco tenso
ou será vencedora finalmente
a fina ponta férrea da lança?
Mas vemos caminhando para cá
a mãe do grande rei, nossa rainha,
como se fosse a intensa claridade
vinda dos olhos dos augustos deuses.
Prosternemo-nos todos, reverentes,
prestando-lhe as devidas homenagens.

Os Fiéis do CORO *prosternam-se. Aparece* ATOSSA*, de pé em um carro, seguida por um cortejo numeroso.*

CORIFEU

Salve, rainha, mais que todas venerada
entre as mulheres persas de cintura fina,
idosa mãe de Xerxes, mulher de Dario!
Foste a companheira de leito de um deus persa
e mãe de outro deus — se nossa antiga sorte

não nos decepcionar, a nós e a nosso povo!

ATOSSA

Acabo de sair de meu palácio ornado
de ouro, abandonando a alcova onde dormi
durante muito tempo com o rei Dario.
Eu também sinto agora a preocupação
despedaçar meu coração, e é a vós,
fiéis amigos, que desejo dizer tudo
neste momento, pois o temor se aproxima.
Receio que nossa riqueza, hoje tão grande,
desapareça e se transforme toda em pó
no piso do edifício de felicidade
que um deus, sem dúvida, ajudou o rei Dario
a construir. Também uma angústia indizível
retém meus pensamentos entre dois perigos;
sem homens para defendê-los, aos tesouros
faltam as homenagens e todo o respeito
da multidão, da mesma forma que um homem
privado de riqueza não pode brilhar
com o esplendor proveniente do poder.
Se estão intactos os tesouros no palácio
temo por nossos olhos, pois tenho certeza
de que a presença do senhor é a visão
de sua casa. Convencei-vos sem delongas
desta verdade; só assim sereis capazes
de esclarecer-me sobre os acontecimentos,
persas idosos, sustentáculos fiéis.
Espero ouvir de vós conselhos proveitosos.

CORIFEU

Confia em nós, rainha deste enorme império;
não terás de reiterar as tuas ordens,
seja em palavras claras, seja em simples gestos,
enquanto for possível dar-te bons conselhos.
Sabes que falando conosco te diriges
a conselheiros cheios de boa vontade.

ATOSSA

Passo todas as noites entre muitos sonhos
desde que, preparando seu enorme exército,
meu filho foi embora para devastar
a Grécia inteira; nenhum deles, todavia,
veio-me à mente com clareza comparável
à do que tive na noite passada; escuta.
Em pleno sono pareceu-me distinguir
duas mulheres de feições muito agradáveis;
uma delas vestia-se à maneira persa
e a outra usava trajes obviamente dórios;
ambas eram mais altas que as mulheres de hoje,
e diferiam destas tanto pelo porte
como pela beleza sem qualquer defeito.
Eram irmãs do mesmo sangue mas moravam
em pátrias afastadas, uma lá na Grécia,
que lhe coube por sorte, e a outra em terra bárbara.
A mim me pareceu que as duas discutiam;
meu filho, percebendo o fato, quis contê-las,
tentando pôr arreios no pescoço delas.
Uma envaidecia-se desses petrechos
e oferecia a boca docilmente ao freio,
enquanto a outra debatia-se e afinal
despedaçava com ambas as mãos o arreio

com que Xerxes queria atrelá-la ao carro,
tirando-o de si com toda a sua força;
pouco tempo depois ela rompeu a brida,
partindo finalmente o jugo em dois pedaços.
Nesse momento meu filho caiu; seu pai,
penalizado, apareceu ao lado dele;
vendo-o, Xerxes começou a destruir
os trajes régios que lhe cobriam o corpo.
Agora conheceis minhas visões noturnas.
Deixei o leito e fui lavar as mãos num córrego
de águas puras; saturei-as de oferendas
e aproximei-me de um altar; lá consagrei
o bolo ritual aos deuses protetores,
prestando-lhes as homenagens merecidas.
Vi em seguida uma águia que fugia
no rumo de um sacrário de Febo divino[9].
Parei, muda de espanto, mas no mesmo instante
diante de meus próprios olhos um falcão
apareceu no céu em largos movimentos
de suas asas rápidas, e com as garras
pôs-se a dilacerar a cabeça da águia,
que mal podia defender-se com o corpo.
Essa visão foi dolorosa para mim,
e ouvir a minha narração deve assustar-vos.
Sabeis sem dúvida que se meu nobre filho
for contemplado pela sorte será tido
como um herói inigualável; se, ao contrário,
for derrotado, não terá satisfações
a dar aos súditos, e se puder voltar
será ainda o soberano desta terra.

CORIFEU

Não desejamos assustar-te, mãe de Xerxes,
nem te animar; dirige-te primeiro aos deuses;
invoca-os como devota e suplicante
e pede-lhes, já que tiveste uma visão
terrificante, para afastarem de ti
sua consumação e dar-te só o bem
para ti mesma e para teus entes queridos,
para teu reino e para tudo que te é caro.
Depois terás de lançar libações à terra,
e aos mortos; prosseguindo, cumpre-te implorar
a teu esposo morto — ao grande rei Dario —,
visto por ti, segundo dizes, em teus sonhos,
que vos proporcione apenas alegrias,
a ti e a Xerxes, nosso rei, dia após dia;
suplica-lhe também que guarde para sempre
nas trevas subterrâneas males e desditas,
desfeitos para todo o sempre. Eis o que eu,
profeta sempre obediente ao coração,
do fundo de minha alma te aconselho agora;
façamos votos para a realização
dos bons presságios, sempre para nosso bem.

ATOSSA

Não tenho dúvidas; tua afeição a Xerxes
e à minha casa leva-te a interpretar
meu sonho antes de outros profetas e emitir
tuas opiniões. Seja-nos favorável
o desenlace disso tudo! Determino
que em tudo prevaleçam meus próprios desejos

a respeito dos deuses e de nossos mortos
após o meu regresso ao palácio real.
Antes, porém, amigo, quero esclarecer
algumas dúvidas; em que lugar da terra
Atenas está situada? Dir-me-ás?

CORIFEU

Lá no poente, muito longe, onde se oculta
o soberano sol no fim de cada dia.

ATOSSA

Meu filho tinha a intenção de conquistá-la?

CORIFEU

A Grécia inteira, então, curvar-se-ia a Xerxes.

ATOSSA

E seu exército dispõe de muitos homens?

CORIFEU

Ele tem sido um grande estorvo para os persas.

ATOSSA

De que outros recursos Atenas dispõe?

CORIFEU

De prata, um tesouro guardado sob a terra[10].

ATOSSA

Há nas mãos deles flechas que vergam os arcos?

CORIFEU

Não; há somente espadas para o corpo-a-corpo
e escudos carregados por braços possantes.

ATOSSA

E que rei e senhor lhes serve de cabeça
e comandante de todos os combatentes?

CORIFEU

Eles não são escravos de ninguém, nem súditos.

ATOSSA

E como enfrentariam eles o inimigo?

CORIFEU

Com bravura bastante para destruir
o imenso e imponente exército de Xerxes.

ATOSSA

Ah! Que palavras dizes? Angústia terrível
para as aflitas mães dos expedicionários!…

CORIFEU

Vendo um mensageiro aproximar-se.

Creio que sem maior demora saberás
da verdade completa. Está chegando um homem;
pela maneira de correr parece persa.
Ele deve trazer-nos fatos, bons ou maus.

Entra o MENSAGEIRO.

MENSAGEIRO

Cidades asiáticas inumeráveis!
Solo da Pérsia, berço de riqueza imensa!
Um golpe único extinguiu há pouco tempo
toda a nossa felicidade ilimitada!
Foi abatida e destruída a flor da Pérsia!

Já é um infortúnio ter de anunciar
primeiro uma calamidade. É meu dever
expor diante de vós todos, nobres persas,
a nossa desventura enorme, indescritível:
o exército dos bárbaros já não existe!

CORO

Horríveis, sim, horríveis sofrimentos!
Dilacerantes, imprevistos males!
Ai! Ai de nós! Chorai, persas, chorai,
ouvindo esta mensagem lancinante
imersos numa dor desmesurada!

MENSAGEIRO

Sim, soluçai, pois todos os vossos soldados
mandados para a guerra foram dizimados!
Eu mesmo, que vos vejo agora, regressei
contrariando a minha própria expectativa,
pois já não me animava a mínima esperança
de ver brilhar o dia do retorno à pátria.

CORO

Ah! É longa demais a existência
que deixa os velhos como nós ouvirem
esta notícia atroz, surpreendente!

MENSAGEIRO

É como testemunha, e não repetidor
de palavras alheias que vou relatar-vos
os golpes desferidos contra nós na Grécia.

CORO

Ai! Ai! Então foi sem proveito algum
que tantas armas de todos os tipos
passaram deste chão de nossa Ásia
para um solo inimigo na Europa!

MENSAGEIRO

Amontoados, os cadáveres dos persas
tão infelizes cobrem neste instante a areia
de Salamina e das localidades próximas!

CORO

Ai! Ai! Fazes-nos ver nossos amigos
sendo levados ao sabor das ondas
nas praias onde o mar cobre e descobre
continuamente os corpos já sem vida,
movendo-os para um lado e para o outro!

MENSAGEIRO

Não nos valeram nossos arcos retesados
e todo o nosso exército foi esmagado
no choque entre as trirremes dos gregos e persas.

CORO

Tentemos entoar um canto lúgubre
em queixa triste sobre nossa dor.
Os deuses se esmeraram desta vez
para que os males todos desabassem
impiedosamente sobre os persas
— ai! — sobre nosso exército vencido!

MENSAGEIRO

Ai! Nome penoso de ouvir! Ai! Salamina!

Quantos soluços me custa lembrar de Atenas!

CORO

Ai! Sim! Atenas é um nome amargo
de recordar em nossa desventura!
Temos motivos desde este momento
para pensar, e muito, nela; Atenas
fez de milhares de mulheres persas
— por quê? — viúvas e mães sem seus filhos!

ATOSSA

Que permanecera em silêncio e meditativa.

Fiquei silenciosa durante algum tempo
— ai, ai de mim! — aniquilada pela dor.
Este desastre indescritível é tão grande
que não nos dá ensejo para uma palavra,
uma pergunta sobre nossas provações.
Mas nós, simples mortais, devemos suportar
os golpes infligidos pelas divindades.

Dirigindo-se ao MENSAGEIRO.

Descreve, então, a nossa desventura toda
e por mais que te aflijam nossos infortúnios
revela-nos os nomes dos sobreviventes
entre os briosos chefes dos soldados persas
e ainda os daqueles que vamos chorar
porque, postos nas posições determinadas
pelo chefe supremo, detentor do cetro,
deixaram ao morrer o seu lugar vazio.

MENSAGEIRO

Quanto ao rei Xerxes, ele vive e vê o sol.

ATOSSA

Como é brilhante a luz com que tuas palavras
inundam meu palácio! Elas são comparáveis
ao dia claro após a tenebrosa noite!

MENSAGEIRO

Mas Artembares, comandante há pouco tempo
de dez mil cavaleiros, neste mesmo instante
é um cadáver que se choca nos rochedos
da costa de Silênio[11]. Dadaques, chefe
de mil infantes embarcados, atingido
por uma lança curta desequilibrou-se
e se precipitou do alto da trirreme
em que mandava. Tenagon, o bactriano
valente e nobre, agora poderá ser visto
em Salamina[12] fustigado pelas ondas.
Lileu, Arquestes e mais outro persa — Arsames —
estão talvez em volta da ilha das pombas[13]
ou atritando suas frontes derrotadas
na areia áspera. E os bravos ribeirinhos
do Nilo egípcio — sim, Farnuco, o detentor
de um excelente escudo, além de Arteu e Adeues —
precipitaram-se da mesma nau no mar.
E Nátalo, de Crise, bravo comandante
de dez mil combatentes, viu, já moribundo,
a sua longa barba muito espessa e ruiva
mudar de cor banhada em seu próprio sangue.
O mago Árabo[14] e o bactriano Artanes,
dois chefes de trinta mil cavaleiros negros,
estão imóveis para sempre no chão áspero

onde perderam suas vidas. E morreram
Amistres e Anfisteu, brandindo sem parar
as armas, incansáveis, e o destemeroso
Ariomardo, deixando Sárdis de luto;
e o mísio Seisamenes e o valente Táribis,
enquanto comandavam suas muitas naus
— duzentas e cinqüenta —, ótimos guerreiros
que viram Lirna ser fundada, foram mortos
— coitados! —, vítimas dos golpes do destino;
Siênesis[15], primeiro entre todos os bravos,
à frente dos cilícios teve morte honrosa
após causar mil baixas a seus inimigos
sem receber ajuda alguma. Estes são
os comandantes de quem me recordo agora.
Mas nossos infortúnios são inumeráveis
e meu relato é um simples resumo deles.

ATOSSA

Falas-me neste instante de males enormes,
vergonha para a Pérsia e razão bastante
para soluços estridentes. Mas prossegue
e dize-me quantas naus tinham os helenos
para se decidirem a entrar em luta
contra os inúmeros e combativos persas
e provocar o ousado embate das trirremes.

MENSAGEIRO

Se nós falássemos apenas de seu número
dirias que a vitória seria dos bárbaros;
de fato, as naus dos gregos somavam trezentas,
mais dez deixadas de reserva. É notório

que Xerxes, em contraste, estava comandando
a sua frota de mil naus, sem computarmos
as galeras mais leves, cuja quantidade
chegava a duzentas e sete. A proporção,
rainha venerável, era esta. Achas
que ela nos desfavoreceu? De forma alguma!
Foi algum deus, sem dúvida, o destruidor
de nossa imensa frota, ao desequilibrar
os pratos na balança de nosso destino.
Atenas teve a proteção dos imortais[16].

ATOSSA

Está intacta a terra dos atenienses?

MENSAGEIRO

Enquanto os defensores estiverem firmes
ninguém conquistará os baluartes sólidos.

ATOSSA

Mas, qual foi o sinal de luta para as frotas?
Revela-me: quem deu a ordem de atacar?
Os gregos ou meu filho Xerxes, confiante
no número superior de suas naus?

MENSAGEIRO

Iniciou a nossa perdição, senhora,
algum espírito perverso ou deus maligno
vindo não sei de onde. Vou contar-te os fatos.
Um grego, com sua armadura ateniense,
veio dizer a Xerxes que quando caíssem
as trevas da noite soturna, as forças gregas
desistiriam de enfrentar os atacantes

e ocupando seus bancos nas trirremes rápidas
se esforçariam por salvar-se, cada um
como pudesse, numa fuga inesperada.
Depois de ouvir essa notícia o rei Xerxes,
sem suspeitar de uma atitude astuciosa,
mandou aos chefes de todas as suas naus
a seguinte mensagem: quando o sol poente
já não tivesse luz para aquecer a terra
com seus raios e as sombras se disseminassem
pelo alto éter consagrado, os comandantes
teriam de alinhar quase todas as naus
em três fileiras, no intuito de fechar
saídas e passagens; as naus reservadas
patrulhariam a ilha de Salamina[17].
E mais: se os gregos conseguissem escapar
da morte desastrosa e achassem no mar
alguma rota de evasão, os responsáveis
seriam degolados. Assim falou Xerxes.
Um coração feroz ditou-lhe tais palavras
sem ter a mínima noção, naquele instante,
da sorte amarga que os deuses lhe reservavam.
Em ordem, docilmente os persas prepararam
a sua refeição noturna; cada nauta
prendeu o remo à cavilha que o suportava;
na hora de extinguir-se a luz do dia claro
e de chegar a noite, os fortes remadores
subiram para suas respectivas naus
em companhia de todos os combatentes.
Cada um em seu banco, eles se encorajavam
nas longas naus, e cada um movimentava-se

onde devia, e durante toda a noite
os comandantes incansáveis ordenavam
que as naus singrassem incessantemente o mar.
Passou-se a noite inteira sem que a frota grega
tentasse a fuga; quando o sol apareceu
com seus alvos corcéis disseminando a luz
sobre a mãe-terra se elevou subitamente
um alarido modulado como um hino
vindo de onde se achava ainda a frota grega,
enquanto o eco repetia nos rochedos
de Salamina os acordes estrepitosos.
O terror apossou-se de todos os bárbaros,
frustrados em suas fugazes esperanças;
de fato, não era para fugir que os gregos
estavam entoando hinos retumbantes,
e sim para empenhar-se numa luta árdua,
cheios de confiança e combatividade;
o som vibrante das trombetas comandava
a sua formação; os remos ruidosos
desciam e subiam nas águas profundas
cadenciadamente, e já eram visíveis
todas as naus dos gregos aos nossos olhares.
A ala destra se alinhou para avançar
na frente, em boa ordem. Sem maior demora
a frota inteira evoluiu e deslocou-se,
e se podia ouvir, perto de nossas naus,
um veemente apelo: “É tempo de atacar,
filhos da Hélade! Salvai a nossa pátria!
Salvai vossas crianças e vossas mulheres,
os santuários dos deuses de vossos pais

e as sacras sepulturas de vossos avós!
Chegou a hora do combate decisivo!”
Do nosso lado ouvia-se um clamor confuso
em língua persa, pois era tarde demais.
As naus de ambos os lados já se entrechocavam,
e colidiam as proas de bronze duro.
Uma nau grega deu sinal para a abordagem
e em pouco tempo destruiu os ornamentos
da popa de uma nau fenícia, enquanto as outras
lançavam-se contra as trirremes inimigas.
As incontáveis naus dos persas a princípio
tentaram resistir, mas de tão numerosas
abalroavam-se no espaço reduzido
onde umas não podiam socorrer as outras.
Nos choques frente a frente as proas se partiam,
embora fossem protegidas pelo bronze;
os tripulantes persas viam, impotentes,
o rompimento dos suportes de seus remos;
então as trirremes dos gregos envolveram
com grande habilidade as nossas próprias naus
e se lançaram contra elas atingindo-as;
os cascos se partiam; não se via o mar,
coberto pelo amontoado de destroços
e por tantos cadáveres ensangüentados.
As praias e os escolhos estavam repletos
de corpos de homens nossos mortos em combate;
em face do desastre enorme, os tripulantes
das poucas naus dos persas inda em condições
de navegar, com toda a força de seus remos
fugiram em desordem pelo mar afora,

enquanto os gregos, como se seus adversários
fossem atuns ou peixes outros, golpeavam,
matavam a pancadas com restos de remos
e com outros destroços de qualquer espécie!
Ouviam-se no mar queixumes misturados
com soluços sentidos até o momento
de aparecer a noite com seu rosto negro
para sustar o morticínio; quanto ao número
de nossas perdas, inda que me fossem dados
dez longos dias para completar a conta
não poderia concluí-la. Vou dizer-te:
nunca morreram tantos homens num só dia!

ATOSSA

Ai! Ai de mim! Que mar de males transbordou
sobre nós, persas, e sobre todos os bárbaros!

MENSAGEIRO

Fica sabendo: não te relatei sequer
metade de todas as nossas desventuras.
Caiu sobre nossos soldados um desastre
insuportável, duas vezes mais funesto
que os males conhecidos por nossa rainha!

ATOSSA

Que mal ainda mais cruel pode existir?
Dize-me, então: está faltando a descrição
de outras desditas que atingiram nossas forças
para aumentar o peso de tantas desgraças?

MENSAGEIRO

Persas sem número inda cheios de vigor,

e dos melhores pela grande valentia,
além de distinguidos por seu nascimento
e por sua constante lealdade ao rei,
deixaram de existir, vencidos e humilhados,
vítimas lamentáveis de morte infamante.

ATOSSA

Ai! Infeliz de mim! Que sorte impiedosa
a minha, amigos!… Mas, como eles pereceram?

MENSAGEIRO

Em frente a Salamina há uma ilha estreita
e sem ancoradouro, mas com uma praia
onde sempre aparece Pan, o deus dos coros.
Xerxes mandou inúmeros e nobres persas
ficarem lá, imaginando que, se náufragos
das forças inimigas fossem para a ilha,
nossos soldados poderiam massacrá-los,
vencendo-os facilmente ali e até poupando
as nossas tropas da fadiga de lutarem
contra as fortíssimas correntes oceânicas.
Mas mal previámos o que estava por vir!
De fato, uma vez tomada a decisão
da vitória dos gregos pelas divindades,
eles, no mesmo dia, após encouraçar
seus peitos com malhas de bronze, decidiram
desembarcar de suas naus para envolverem
a ilha inteira. Isto feito, os persas todos
deixados lá não sabiam sequer — coitados! —
o que fazer; de início, milhares de pedras
lançadas pelas mãos dos gregos abatiam-nos,

enquanto as flechas disparadas pelos arcos
levavam morte certa a nossos companheiros.
Enfim, saltando num impulso impetuoso
os gregos atingiam e dilaceravam
os corpos dos opositores infelizes
até vê-los sem vida. Alucinado, Xerxes
gritava interminavelmente, lamentando-se
diante daquela matança comovente.
De uma colina alta na orla marítima
o rei descortinava todo o seu exército;
ele rasgou as vestes enquanto se ouviam
seus agudos soluços e subitamente
gritou aos comandados salvos da matança
as derradeiras ordens, dando então início
a uma fuga inopinada e delirante.
Esse foi o desastre que veio juntar-se
ao outro, para alimentar os teus gemidos.

ATOSSA

Ai! Sorte adversa a nossa! Quantas decepções
causaste ao povo persa em sua expectativa!
Meu filho está pagando um preço muito alto
pelo castigo que tinha intenção de impor
à ilustre Atenas, ele, que bem poderia
dar-se por satisfeito com o sacrifício
de numerosos bárbaros em Maratona.
Ele nutria a esperança de vingar-se
mas com sua cilada conseguiu apenas
ser vítima de uma seqüência de infortúnios.
Mas, dize-me: onde deixaste as poucas naus
a duras penas salvas do desastre enorme?

Serás capaz de responder-me exatamente?

MENSAGEIRO

Não posso; os comandantes dessas naus poupadas
aproveitando bem os ventos favoráveis
empreenderam uma fuga alucinante.
Os soldados restantes desapareceram
no solo da Beócia; alguns, perto das fontes
frescas e límpidas, sofreram com a sede,
enquanto outros, claudicantes e sem fôlego,
morreram no caminho; poucos entre muitos
puderam atingir a terra dos foceus
e a Dórida; continuando a caminhar,
viram enfim as águas do golfo Malíaco,
perto da região onde o rio Esperqueio
com águas benfazejas banha uma planície.
Tanto as cidades téssalas como a Acaia
nos viram de passagem, carentes de víveres,
e alguns soldados nossos faleceram lá
de sede e fome (enfrentamos os dois males
ao mesmo tempo!). Prosseguindo, eles chegaram
ao país dos magnetes e à Macedônia,
ao curso do rio Áxio e em seguida
a Bolbe, onde viram os riachos típicos
com suas margens cheias de viçosos juncos,
e enfim à terra dos edônios e ao Pangeu[18].
Na noite de nossa chegada um deus mandou
um rigoroso inverno antes do tempo certo,
gelando inteiramente o Estrímon, rio sacro[18a],
Ali alguns de nossos homens, descuidosos
até então da reverência aos deuses pátrios,

faziam preces e promessas, adorando
o céu e a terra. Feitas as invocações,
as nossas tropas começaram a cruzar
o rio em parte congelado, mas somente
aqueles entre nós que o transpuseram antes
de os raios do divino sol se difundirem
pela mãe-terra, afinal sobreviveram.
De fato, as setas luminosas do astro-rei
puderam atingir o coração do rio,
fundindo assim as águas solidificadas,
e os persas se afogaram uns depois dos outros
(felizes os que perderam mais cedo a vida!).
Salvos da morte, os soldados sobreviventes
após uma penosa e lenta travessia
do território trácio afinal reviram
a pátria e os seus lares para convidar
a Pérsia atônita a gemer e soluçar
por sua juventude intensamente amada
que havia muito tempo deixara seu solo.
Eis a crua verdade; minha narração
deixou de mencionar inúmeras desgraças
entre tantas que o céu impôs ao povo persa.

Sai o MENSAGEIRO.

CORIFEU

Ah! Divindades portadoras de infortúnios!
Com que peso caístes sobre nossa raça!

ATOSSA

Ai! Ai de mim, desventurada! Nosso exército
foi totalmente aniquilado pelos gregos!

Visão claríssima de meus sonhos noturnos,
foste verídica mostrando-me esses golpes!

Dirigindo-se aos anciãos do CORO.

Mas, já que vossa hipótese foi confirmada,
quero primeiro dirigir preces aos deuses;
depois trarei de meu palácio uma oferenda
satisfatória à terra e aos parentes mortos.
Sei que são fatos consumados, anciãos,
mas o futuro ainda pode reservar-nos
sorte melhor. E quanto a vós, deveis trazer
opiniões sinceras aos superiores
também sinceros. Se meu filho regressar
antes de meu retorno, tentai consolá-lo,
levai-o a seu palácio, pois receio muito
que venha acrescentar-se às nossas desventuras
mais uma desventura nestas circunstâncias[19].

Sai ATOSSA *com seu cortejo.*

CORO

Chegou a hora, soberano Zeus,
em que, desbaratando inteiramente
o exército dos persas altaneiros
e incontáveis, amortalhas Susa
e Ecbátana num tenebroso luto.
Rasgam seus véus inúmeras mulheres
com suas delicadas mãos e molham
os seios com seu pranto interminável
causado pela dor que as atingiu.
Inconsoláveis, as esposas persas
choram dolentemente pelos homens,
seus jovens companheiros, despedindo-se

do leito recoberto, agora triste,
ainda rescendente de volúpia,
de juventude e da vida faustosa,
e exprimem com soluços incessantes
seu luto inconsolável para sempre.
Nós, anciãos, lamentamos aqui
a morte dos que nunca voltarão,
motivo de incontáveis sofrimentos.
Neste momento a Ásia inteira geme
sentindo-se vazia de seus filhos.
Xerxes levou-os — ai de nós, levou-os! —
à perdição! Xerxes foi louco em tudo,
ele com as galeras preparadas
para singrar os mares. E Dario
foi tão bondoso para com seus súditos,
ele, o archeiro exímio, chefe amado
de Susiana[20]! Infantes e marujos,
como num vôo rápido de pássaros
vestindo roupas de um azul profundo,
as naves os levaram — ai de nós! —,
e foram sua perdição — coitados! —,
as naves de abordagens desastrosas
(ah! Naus e braços fortes dos iônios!).
O próprio rei, de acordo com o relato,
conseguiu escapar a duras penas
pelos caminhos hibernais abertos
nas campinas da Trácia; os outros, vítimas
da sorte adversa que os feriu primeiro,
flutuam ao sabor do mar em volta
dos promontórios do herói Cicreu.

Tudo é motivo para mais lamentos!
Gemem os nossos corações feridos
levando até o céu tristeza imensa
no som de nossas vozes estridentes
cheias de dor! Tratados cruelmente
pelas ondas do mar — ai, ai de nós! —
nossos soldados são dilacerados
pelos filhos sem voz do Incorruptível[21]
enquanto estão de luto tantos lares
pelos seus habitantes falecidos;
os pais idosos, hoje sem seus filhos,
gritam feridos pelo sofrimento
e aprendem nesta época da vida
a conhecer a mágoa desmedida!
Durante muito tempo, aqui na Ásia
homem nenhum irá obedecer
às leis dos persas; ninguém pagará
tributos decretados pelo império;
não mais se cairá ajoelhado
na hora de escutar as injunções;
o grande rei já não tem força alguma!
Não haverá mais restrições no império
a qualquer manifestação verbal,
pois um povo liberto dos grilhões
passa a falar como melhor lhe apraz
logo que a força bruta chega ao fim.
Batida pelas ondas, Salamina[22]
guarda em seu solo ainda ensangüentado
o mausoléu do extinto império persa!

A cena transfere-se para a frente do túmulo de DARIO. *Reaparece* ATOSSA, *agora a pé e vestida com simplicidade, seguida por algumas escravas portando oferendas. No local*

já estão os anciãos do CORO.

ATOSSA

Quem já provou a desventura, amigos meus,
sabe que desde o dia do aparecimento
de uma vaga de males as pessoas sentem
um medo permanente, enquanto se o destino
lhes traz prosperidade elas passam a crer
que os ventos portadores da felicidade
hão de soprar eternamente. Para mim,
hoje tudo é assustador e vejo apenas
os deuses demonstrando a sua hostilidade;
ouço um clamor destituído de harmonia
e nada sinto além desta consternação
diante das notícias más que me apavoram.
Volto por isso do palácio para cá,
sem carro e sem o fausto dos dias passados,
querendo apenas levar ao pai de meus filhos
as libações capazes de agradar aos mortos
como oferendas de meu grande amor por ele:
o leite de uma vaca nunca poluída
pelo odioso jugo, o mel brilhante feito
pela aproveitadora de todas as flores,
além de água corrente de uma fonte virgem;
trago também este licor puro e alegre,
filho de mãe selvagem — de uma vinha antiga —,
e este fruto oloroso e louro da oliveira
e flores em guirlandas, dons da terra fértil.
Levemos, meus amigos, estas libações
oferecidas a nossos mortos queridos;
cantai os vossos hinos, evocai Dario,

o rei divino, enquanto eu mesma estou prestando
aos deuses infernais as minhas homenagens
que nossa terra generosa beberá.

Coro

Entrega, então, senhora e soberana
idolatrada pelos persas todos,
sem mais demora as santas libações
às sombras nas paragens de além-túmulo;
nossos hinos dolentes pedirão
a todas elas que sejam clementes
nas profundezas máximas do inferno.
Sagradas divindades abismais,
Hermes e Terra! Ouvi-nos e deixai[23]
que a alma deste morto volte à luz[24]
Se ela conhece mais que todos nós
a cura para as nossas desventuras,
unicamente dela saberemos
quando, afinal, elas terminarão.

O Coro inicia a evocação da alma de Dario, intercalada com gritos estridentes. Os anciãos do Coro batem no peito com as mãos e as entrechocam.

Coro

Ouve-nos, rei finado, igual aos deuses!
Escuta nosso brado em língua bárbara
familiar a teus ouvidos régios,
nossos apelos soluçantes, lúgubres,
onde se mesclam os tons variados
de todos os queixumes! Gritaremos
nossos infindos sofrimentos! Ouve-nos
nas profundezas do mundo das sombras!

Ah! Terra e potestades infernais!
Deixai sair de vosso reino escuro
o ser divino e excelente, o deus
nascido em Susa, sempre venerado
por todos os seus incontáveis súditos.
Guiai em direção à luz aquele
que nunca, em tempo algum foi igualado
por qualquer homem na terra dos persas!
Querido foi o grande herói; querido
é seu sepulcro e é também querida
a alma que ele encerra para sempre!
Faze, Aidoneu[25], voltar à luz o rei,
Dario incomparável, que jamais
levou à morte seus bravos soldados
por causa de derrotas homicidas!
Os persas o chamavam de inspirado
pelos bons deuses, e era como tal
que ele guiava da melhor maneira
o seu exército nunca vencido!
Monarca antigo! Ah! Monarca antigo!
Vem, aparece logo aos nossos olhos
por cima de teu túmulo! Aproxima-te!
Eleva sobre a lápide teus pés
calçados nas sandálias coloridas
com açafrão! Faze também luzir
aos nossos olhos a tiara régia!
Vem, pai boníssimo! Vem, rei Dario!
Vem para ouvir fatos inusitados,
males inomináveis! Aparece-nos,
senhor de Xerxes, o nosso senhor!

Encobre-nos uma treva infernal,
pois pereceu a juventude persa!
Vem, pai benigno! Vem, Dario! Vem!
Ai!… Ai!… Ai, morte muito lamentada
por teus amigos com amargas lágrimas!
Por que, meu rei, por que, meu rei Dario,
estes desmesurados erros gêmeos?
Ai! Erros duplamente lamentáveis!
Perderam-se todas as nossas naus
de três filas de remos, nossas naus
que nunca, nunca mais navegarão!

Aparece o FANTASMA DE DARIO *por cima do túmulo.*

FANTASMA DE DARIO

Fiéis entre os fiéis, amigos, companheiros
de minha juventude, veneráveis persas!
Minha cidade! Ah! Quanto sofres! Quanta dor!
Ela gemeu, feriu o peito, o solo abriu-se!
Já posso ver a minha esposa em frente ao túmulo;
alarmo-me e recebo suas libações
com o coração aberto. E vós vos lamentais
em volta desta sepultura; vossas queixas
em altos brados são apelos comoventes
que se misturam a invocações aos mortos.
Mas é muito difícil retornar do inferno,
principalmente porque os deuses poderosos
das profundezas são mais aptos a prender
que a libertar. Tive portanto de alegar
a minha fama gloriosa e eis-me aqui,
porém por pouco tempo. Então dizei depressa
para evitar ressentimento ou queixas vossas:

que insólitas desgraças pesam sobre os persas?

Coro

Não ousaremos ver-te nem falar-te
olhando-te de frente, pois inibe-nos
a reverência antiga, nosso rei.

Fantasma de Dario

Expus-me à plena luz do dia em atenção
às vossas súplicas; renunciai, então,
a circunlóquios causadores de demoras.
Deixai de lado a submissão dos tempos idos
em relação a mim e revelai depressa
tudo que estais trazendo ao meu conhecimento.

Coro

Ainda temos medo de falar-te;
preferiríamos não dirigir
palavras dolorosas ao amigo.

Fantasma de Dario

Dirigindo-se a Atossa.

Antiga companheira de meu leito régio:
se a reverência de outros tempos inda inibe
a alma de teus conselheiros, teu dever,
insigne esposa minha, é conter as lágrimas
e teus soluços e contar toda a verdade.
Seres humanos são sujeitos a desditas;
inúmeras desgraças chegam-nos do mar,
inúmeras saem da terra para os homens
cuja vida se prolongou por muito tempo.

Atossa

Tua ventura ultrapassou a boa sorte
de todos os mortais; viste os raios do sol
por muitos anos e tua longa existência
foi invejada pelos homens, testemunhas
de uma vida feliz, igual à dos bons deuses.
E quantos persas se dariam por ditosos
se tivessem morrido, como tu, Dario,
antes de abrir-se para nós o imenso abismo
de nossas dores! Serei breve, como queres:
o poderio persa não existe mais!

FANTASMA DE DARIO

Que dizes? Foi a peste ou a guerra civil
que se abateu, cruel, sobre um império enorme?

ATOSSA

Nem uma, nem a outra, mas perto de Atenas
todos os nossos combatentes pereceram.

FANTASMA DE DARIO

Qual de meus filhos decidiu-se pela guerra?

ATOSSA

O impetuoso Xerxes, que deixou sem homens
todas as regiões de nosso continente.

FANTASMA DE DARIO

Foi por terra ou por mar que Xerxes se atreveu
a cometer essa loucura inominável?

ATOSSA

Teu filho decidiu-se por ambas as rotas;
ofereceram dupla frente as duas forças.

FANTASMA DE DARIO

E como atravessou o mar o nosso exército?

ATOSSA

Valendo-se de mecanismos engenhosos,
como se fosse impor um jugo desonroso
unindo as duas margens do agitado Helésponto;
E ele fez uma ponte para seus soldados.

FANTASMA DE DARIO

Xerxes fez isso? Ousou ligar os continentes?

ATOSSA

Fez, sim; um deus turbou-lhe a mente, com certeza.

FANTASMA DE DARIO

Um poderoso deus, capaz de transtorná-lo!

ATOSSA

Triste desfecho!… Quanto mal ele causou!…

FANTASMA DE DARIO

Conta-me as provações dos expedicionários,
causa de dor sem fim em todo o império persa.

ATOSSA

Nossas forças navais foram aniquiladas
e com elas perderam-se as forças terrestres.

FANTASMA DE DARIO

Foi tão feroz a luta a ponto de levar
um país como o nosso à extinção total?

ATOSSA

As perdas foram a tal ponto numerosas
que Susa inteira chora seus varões extintos…,

FANTASMA DE DARIO

Ai! Ai de nós! Perdemos um imenso exército,
o sustentáculo de nossa segurança!…

ATOSSA

… pois todo o povo bactriano sucumbiu[26]
e nunca mais teremos anciãos fiéis…

FANTASMA DE DARIO

Ah! Infeliz! De quantos homens inda jovens
Xerxes privou nossos prestantes aliados!

ATOSSA

… e ele, a crer nos mensageiros, solitário,
abandonado com escassos companheiros…,

FANTASMA DE DARIO

Em que lugar e de que modo consumou-se
o seu destino? Existe a mínima esperança
de salvação para meu filho neste transe?

ATOSSA

… deve sentir-se alegre por estar de volta
ao ponto em que ele mesmo uniu os continentes.

FANTASMA DE DARIO

Então ele chegou à Ásia vivo? É certo?

ATOSSA

Sim; quanto a isto, alguns relatos fidedignos
comprovam esse fato sem dúvida alguma.

Fantasma de Dario

Confirmam-se depressa os divinos oráculos,
e Zeus lançou do céu sobre meu pobre filho
a realização de antigas profecias.
Eu me vangloriava de que nossos deuses
concederiam o transcurso prolongado
de dias incontáveis para consumá-las,
mas quando um dos mortais empenha-se em perder-se
as divindades prontificam-se a ajudá-lo
nessa tarefa. Penso até que meus parentes
mais próximos recentemente descobriram
alguma fonte de infortúnios. Esse achado
coube a meu filho em seus arroubos juvenis;
nasceu um dia em sua mente a esperança
de sujeitar ao jugo o fluxo inalterável
do Helésponto sagrado, em cujas águas mora
um deus, valendo-se de grilhões humilhantes
feitos para afrontar escravos renitentes.
Ele tentou modificar aquele estreito
e mergulhando nele férreas correntes
forjadas a martelo, abriu uma passagem
sem óbices a seu exército incontável!
Sendo mortal, ele pensou em sua insânia
que poderia enfrentar todos os deuses
— até Poseidon[27]! Quem poderá negar
que uma doença muito grave dominou
a mente de meu filho? Nestas circunstâncias,
receio que a riqueza imensa conquistada
graças a meus esforços numa longa vida
agora seja apenas uma presa fácil

exposta à ambição de homens mais capazes.

ATOSSA

Em sua convivência com pessoas más
o impetuoso Xerxes aprendeu depressa
a pensar mal. A todo instante elas diziam-lhe
que tinhas conquistado em feitos marciais
uma fortuna enorme para os filhos teus,
enquanto ele, um indolente, guerreava
nos aposentos do palácio de seu pai,
sem ânimo para aumentar, como devia,
os muitos bens paternos. A repetição
reiterada dessas palavras sarcásticas,
pronunciadas por amigos desprezíveis,
levou-o a conceber a idéia temerária
da expedição e da campanha contra a Grécia.

FANTASMA DE DARIO

Foram eles então, rainha, os causadores
desta calamidade enorme, inesquecível,
capaz de esvaziar a cidade de Susa
como nenhuma das muitas que se abateram
em tempos idos sobre ela desde o dia
em que Zeus todo-poderoso concedeu
a um só homem o supremo privilégio
de comandar a Ásia pródiga em carneiros,
tendo nas mãos o cetro do poder supremo.
O mais antigo chefe desse povo em armas
foi Medos; sucedendo-o, seu nobre filho
consolidou-lhe a obra — no segundo rei
a sã razão prevaleceu sobre as paixões.

O rei seguinte — Ciro, herói favorecido
invariavelmente pela boa sorte —,
subindo ao trono de seus dignos precursores
assegurou a paz entre os povos irmãos;
depois de conquistar a Lídia e toda a Frígia[28],
conseguiu dominar também a Iônia inteira.
Os céus não lhe foram hostis; ele era sábio.
O quarto soberano deste grande império
foi o filho de Ciro; em seguida Márdis
conseguiu usurpar o trono e se tornou
o quinto rei, opróbrio de uma grande pátria
e deste trono muito antigo até surgir
Artafernes, o bravo, que o exterminou,
valendo-se da astúcia, em seu próprio palácio,
auxiliado por amigos reunidos
com a finalidade de tirar-lhe a vida.
Desde que a boa sorte me favoreceu
e me elevou à condição de rei da Pérsia,
eu mesmo empreendi campanhas sucessivas
à frente de muitos exércitos; jamais,
porém, causei à minha pátria tais desastres.
Meu filho Xerxes, entretanto, ainda jovem,
tinha seu pensamento posto em novidades
e nunca ouvia meus conselhos e advertências.
Ficai sabendo, fiéis companheiros meus,
que mesmo todos juntos, nós, os detentores
da autoridade imperial, não poderíamos
ser acusados de causar tão grandes males!

CORIFEU

Ah! Rei Dario! Que poderemos fazer?

Que conclusões tiraremos de teu discurso?
Como conseguiremos depois deles, nós,
os persas, comportar-nos da melhor maneira?

FANTASMA DE DARIO

Não deveríamos pensar em nova guerra
contra os helenos, mesmo se nossos exércitos
fossem mais poderosos que os dos inimigos;
o próprio solo deles é seu aliado.

CORIFEU

Que pretendes dizer-nos com estas palavras?
Como lhes serve de aliada a sua terra?

FANTASMA DE DARIO

Aniquilando pela fome impiedosa
a multidão imensa de nossos soldados.

CORIFEU

Poderemos levar, então, tropas de elite,
usando contra eles nossas armas leves.

FANTASMA DE DARIO

Mas os persas restantes que tentam ainda
deixar de qualquer modo o território helênico,
embora lutem bravamente estão perdidos!

CORIFEU

Que dizes? Não teriam feito a travessia
do estreito de Hele para sair da Europa
todos os combatentes poupados na guerra?

FANTASMA DE DARIO

De um número incontável salvaram-se apenas
alguns de nossos homens (se temos de crer
nas manifestações dos deuses — os oráculos —),
em decorrência dos eventos consumados,
pois não ocorre a realização de uns
sem a dos outros. Já que os fatos, meus amigos,
são estes, Xerxes crê em esperanças vãs
deixando em território hostil tropas de elite.
Eles ficaram lá onde o Asopo rápido[29]
nutre com suas águas sempre em movimento
as terras planas que os beócios todos amam;
lá os esperam os piores sofrimentos,
prêmio de seu orgulho e de sua arrogância
insultuosos às divinas potestades.
Chegando à terra dos helenos nossos homens
não hesitaram em tirar dos pedestais
as estátuas dos deuses, em incendiar
seus templos veneráveis; eles se atreveram
a pôr imagens de cabeça para baixo!
Esses terríveis criminosos receberam
a punição equivalente aos crimes ímpios[30]
e outras os esperam; o edifício enorme
de seu castigo ainda está nos alicerces
e continuará crescendo; as libações
de sangue provocado pelas lanças dórias
hão de correr em jorros no chão de Platéia[31]!
E os montes de cadáveres, numa linguagem
silenciosa, até a geração terceira
dirão às criaturas dos tempos por vir
que nenhum dos mortais deve ter pensamentos

superiores à fragilidade humana.
Ao amadurecer, a audácia sem limites
produz apenas as espigas do pecado,
cuja colheita é um manancial de lágrimas.
Guardai esse castigo diante dos olhos;
nunca vos esqueçais de Atenas e da Grécia[32]!
Em tempo algum menosprezeis vosso destino
e vos priveis de uma felicidade própria
só para cobiçar a sorte de outros homens!
Zeus reservou para si mesmo a incumbência
de castigar os pensamentos motivados
pela soberba extrema e nos obriga um dia
a uma prestação de contas pavorosa.
Xerxes carece totalmente de bom senso;
desejo que vossas benditas advertências
lhe sirvam de lição e nunca, nunca mais
ele resolva repetir suas ofensas
às divindades, atrevendo-se a insultá-las!

Dirigindo-se a ATOSSA.

E tu, idosa mãe de Xerxes, muito amada,
volta ao palácio; veste lá, como convém,
os trajes mais brilhantes e vai ao encontro
de teu filho que volta; em sua dor enorme
ao ver-se vítima de males incontáveis,
as roupas coloridas em seu corpo exausto
são apenas andrajos. Tenta consolá-lo
com as palavras próprias para tais momentos;
tu és a única pessoa — eu bem sei —
cujas palavras ele quererá ouvir.
Retornarei agora às trevas subterrâneas.

Dirigindo-se ao CORO.

Devo dizer-vos meu adeus, velhos amigos;
embora vos envolvam tantas aflições,
proporcionai às vossas almas a alegria
que os dias ainda por vir podem trazer-vos,
pois entre os mortos vossos bens não têm valor.

Desaparece o FANTASMA DE DARIO. *Longo silêncio. A cena volta para a frente do palácio real.*

CORIFEU

Sofri imensamente ouvindo a descrição
das amarguras que hoje nos afligem tanto
e nos afligirão ainda no futuro.

ATOSSA

Ah! Que destino atroz! Ah! Quanto sofrimento
invade a minha mente quando ouço falar
nestas desgraças! Dói-me mais neste momento
pensar nas roupas humilhantes que recobrem
o corpo de meu filho. Devo procurar
lá no palácio trajes novos para ele.
Depois quero encontrá-lo. Nesta hora amarga
não trairei a imensa estima por meu filho.

Sai ATOSSA *em direção ao palácio.*

CORO

Ah! Vida esplêndida, tão agradável
que todos nós levávamos aqui,
no fausto de nossas grandes cidades,
quando reinava em Susa o soberano
onipotente, idoso, benfazejo,
Dario invicto, semelhante aos deuses!

Mostrávamos então ao mundo inteiro
nossos exércitos nunca vencidos,
cheios de glória; nas expedições
realizadas contra os inimigos
eles punham em prática somente
a arte habitual dos longos cercos;
nossos guerreiros regressavam sempre
sem grandes perdas e sem provações
a seus lares felizes por revê-los.
Quantas cidades eles conquistaram
sem ter de atravessar o curso do Hális[33],
sem se afastar dos lares dos soldados,
como as localizadas junto às margens
do Estrímon[34], próximas dos burgos trácios!
E além do rio aquelas protegidas
por baluartes também se curvaram,
obedientes ao nosso monarca;
a estas se somavam as cidades
altivas situadas dos dois lados
do estreito de Hele; mais a Propontis,
no fim de um golfo, e as bocas do Ponto!
E as ilhas açoitadas pelas ondas,
juntas em volta de um cabo marítimo,
vizinhas do continente asiático
— Lesbos, e Samos cheia de oliveiras,
e Quios, Paros, Naxos e Miconos —;
e ainda Andros, vizinha de Temnos!
Ao rei Dario também se renderam
as muitas ilhas que sobressaíam
no mar contido entre os dois continentes,

Lemnos — terra de Ícaro —, mais Rodes
e Cnidos e as cidades cipriotas
— Pafos e Solos e mais Salamina[35],
cuja metrópole é o maior motivo
de nossas atuais lamentações!
E as opulentas cidades da Iônia,
cheias de gregos, ele governou
impondo-lhes sua própria vontade,
firmada no valor de seus soldados
e numa multidão heterogênea
de auxiliares prontos a servir-lhe!
Hoje, porém, numa reviravolta
sem dúvida querida pelos deuses
estamos naufragando sob os golpes
irresistíveis que esta guerra horrível
nos infligiu, vibrados sobre o mar.

Entra em cena um carro provido de um pequeno toldo. XERXES desce lentamente dele e caminha a passos vacilantes em direção aos anciãos do CORO.

XERXES

Ai! Infeliz de mim! Fui ao encontro
desta cruel, terrível provação
mais do que qualquer outra inesperada!
Com que selvagem ânimo o destino
veio abater-se sobre a raça persa!
Quantas desditas inda estão guardadas
para serem lançadas sobre mim?
Sinto fugir a força de meus membros
ao ver aqui os anciãos de Susa
Ah! Zeus! Por que não partilhei a sorte
de meus soldados mortos nos combates

e não fui sepultado perto deles?

CORIFEU

Ah! Rei! Choro por nosso imenso exército
e pelo incomparável esplendor
do poderio persa, e mais ainda
pelo espetáculo de seus guerreiros
ceifados por um destino cruel.

CORO

A Pérsia geme pela mocidade
mandada à Hélade para morrer
por sempre ser obediente a Xerxes
que encheu o Hades com seus filhos mortos![36]
Eles desceram à mansão da Morte,
soldados incontáveis, nosso orgulho,
archeiros nunca antes derrotados,
compacta, incalculável multidão!
Chorai! Chorai por nossos sustentáculos!
Infelizmente, rei, a Ásia inteira
— infelizmente! — hoje está de joelhos!

XERXES

Mereço apenas comiseração,
eu, infeliz, por ter sido o flagelo
de minha pátria e de minha raça!

CORO

Saudando teu regresso gemeremos
para exprimir somente desencanto
com a voz entrecortada de soluços
de um carpidor mariandino[37] afeito

apenas a seus cantos lutuosos
acompanhados de abundantes lágrimas!

XERXES

Dai curso, então, à vossa cantilena
cheia de dor e de gemidos lúgubres.
O destino se volta contra mim.

CORO

Sim, Xerxes, vamos todos soluçar
e gemeremos para lamentar
os golpes inauditos que sofreste
em pleno mar; choraremos unidos
por um país, por uma raça inteira
e gritaremos a partir de agora
nossas lamentações lacrimogêneas!

XERXES

Ares[38] da Iônia nos aniquilou,
Ares dos nautas iônios decidiu
nosso destino, ceifando a planície[39]
e as praias saturadas de aflições!

CORO

Gritemos! Desejamos saber tudo!
Onde estará agora a multidão
de teus soldados, rei? Onde estarão
aqueles que ficavam a teu lado,
Susas, Psamis, Pelágon, Farandaques,
Dotames, Agdabato, Susicanes
recém-chegado da leal Ecbátana?

XERXES

Perdidos! Todos devem estar longe;
precipitados de uma das naus tírias
nas águas da costa de Salamina,
seus corpos foram vistos flutuando,
chocando-se contra os penhascos ásperos.

CORO

Sabes onde estará o teu Farnuco?
E o bravo Ariomardo, onde ficou?
E o príncipe Seuaces? E Lileu,
descendente de antepassados nobres?
Fala também de Istecmo, de Masistro
e de Artembares! Tens algo a dizer?

XERXES

Ai! Ai de mim! Eles puderam ver
a muito antiga, a odiosa Atenas;
pouco depois, porém — ah, infelizes! —,
vimo-los moribundos numa praia,
vítimas de dilacerantes golpes.

CORO

E é verdade que deixaste lá
teu Olho[40] preferido e mais fiel,
capaz de enumerar sem um engano
milhares e milhares de teus persas
— Batânaco, filho do nobre Alpisto —,
e o filho de Sesames? E deixaste
os filhos de Megábates, de Parto,
e o poderoso Oibares? Sim! Deixaste-os!
Ah! Infelizes! Mencionamos males
pungentes e muito mais que pungentes

sofridos pelos persas mais ilustres!

XERXES

Sim! Despertais em mim a nostalgia
de tantos companheiros valorosos
quando falais em males, mais que males,
cruéis, inolvidáveis e terríveis!
Dentro de mim meu coração invoca
em altos brados tantos infelizes!

CORO

Ainda há outros que cremos perdidos
— Xantis, o comandante de milhares
de mardianos, e o valente Aucares
e Diaêxis e também Arsames,
bons comandantes de cavalaria!
Dardaces e Litimnes e mais Tolmo,
insaciável arremessador
de lanças homicidas! Causa espanto
que todos eles não venham contigo,
atrás da cobertura de teu carro!

XERXES

Morreram em combate os chefes todos
de meus exércitos, sem exceção.

CORO

Morreram, sim, e de maneira ignóbil.

XERXES

Ai! Ai de mim! Como sou infeliz!

CORO

Ai! Ai de nós! Os deuses nos mandaram
uma calamidade retumbante[41]!

XERXES

Esmagam-nos desgraças infindáveis!

CORO

Esmagam-nos! É óbvio demais!

XERXES

Desastre insólito! Desastre insólito!

CORO

Por que num mau momento nossos homens
foram levados temerariamente
a enfrentar os nautas lá da Iônia?
A raça persa é infeliz na guerra.

XERXES

Sem dúvida! A perda de um exército
me aniquilou — ai, infeliz de mim!

CORO

Que nos aconteceu longe daqui?
Chegou ao fim o poderio persa!

XERXES

Vedes os restos de meu manto régio?

CORO

Estamos vendo. Sim, estamos vendo!

XERXES

E este receptáculo de flechas?

CORO

Que dizes, Xerxes? Que salvaste ainda?

XERXES

Uma reserva de poucos projéteis.

CORO

Pouquíssimos de milhares que eram …

XERXES

Eis-nos aqui sem defensores hoje!

CORO

Não fogem dos combates os iônios …

XERXES

Eles são excessivamente bravos.
Vivi para ver um desastre enorme!

CORO

Referes-te à derrota de teus nautas?

XERXES

Em face daquele golpe fatal
reduzi a andrajos minhas vestes.

CORO

Ai! Ai de nós, desventurados persas!

XERXES

Imensamente mais que “ai de nós”!

CORO

Sim! Males redobrados, triplicados!

XERXES

Dor para nós, e para os gregos júbilo!

CORO

E toda a nossa raça se desfez…

XERXES

Eis-me privado até de minha escolta!

CORO

… com a derrota dos persas no mar!

XERXES

Chorai! Chorai pelo desastre enorme
e regressai depois a vossos lares.

CORO

Calamidade! Sim, calamidade!

XERXES

Gritai! Gritai respondendo a meus gritos!

CORO

Triste favor de tristes a um triste!

XERXES

Gemei unindo vosso canto lúgubre
ao canto meu mais lúgubre que o vosso!

CORO

Ai! Ai de nós! Terrível infortúnio!
São sofrimentos que se multiplicam!

XERXES

Batei no peito! Batei em cadência
e lamentai-vos para me agradar!

CORO

O pranto afoga-nos entre lamentos!

XERXES

Gritai! Gritai respondendo a meus gritos!

CORO

Este cuidado, soberano, é nosso.

XERXES

Ai! Ai de mim! Gritai inda mais alto!

CORO

Ai! Ai! Gemidos lúgubres e golpes
se juntam às nossas lamentações!

XERXES

Golpeai vosso peito, golpeai-vos
gritando ainda o triste apelo mísio[42]!

CORO

Angústia! Angústia! Nada além de angústia!

XERXES

É hora de arrancar também os pêlos
alvíssimos de vossas longas barbas!

CORO

Enchendo as mãos entre lamentações!

XERXES

Gritai mais alto num clamor agudo!

CORO

Nisto serás também obedecido.

XERXES

Rasgai com Vossas próprias mãos os panos
que cobrem vosso peito magoado!

CORO

Angústia! Angústia! Nada além de angústia!

XERXES

E agora arrancai vossos cabelos
chorando o triste fim de nosso exército!

CORO

Enchendo as mãos entre lamentações!

XERXES

Enchei de lágrimas os vossos olhos!

CORO

Estamos todos afogados nelas!

XERXES

Gritai! Gritai respondendo a meus gritos!

CORO

Ai! Ai de nós! Ai de todos os persas!

XERXES

Marchai para o palácio entre gemidos!

CORO

Ai! Ai de nós! Ai de todos os persas!

XERXES

Ai! Ai de mim! Gemo pela cidade!

CORO

Ai! Ai de nós! Ai de todos os persas!

XERXES

Soluçai num cortejo lamentoso!

CORO

Solo da Pérsia! Nossos passos ferem-te!

XERXES

Ai! Ai de nós pelos que pereceram
lutando em nossas incontáveis naus!

CORO

Vamos acompanhar-te, soberano,
com nossas lúgubres lamentações!

FIM

NOTAS AOS *PERSAS*

1. A Císsia era uma região montanhosa situada entre Susa e Ecbátana, a primeira localizada na fronteira da Susiana e capital do antigo império persa, e a segunda uma das cidades mais importantes do império.

2. Filho de Belo e irmão de Dânaos, rei do Egito e epônimo do país.

3. *Tmolo*. Montanha situada na antiga Lídia, na Ásia Menor, atualmente Bouzdag.

4. A "lança", nos *Persas*, é usada alegoricamente para designar os gregos, enquanto o "arco" simboliza os persas. Veja-se também o verso 160.

5. Estreito de Hele. O Helésponto, atualmente Dardanelos. Seu nome se devia a Hele, filha do rei Atamas, que, fugindo da madrasta Ino com o irmão Frixo no dorso de um carneiro alado, caiu no mar enquanto passava pelo estreito. Para as numerosas alusões mitológicas, veja-se o *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, publicado em 1990 por Jorge Zahar Editor.

6. Veja-se Herôdotos, VI, 36 (página 352 de minha tradução), para a descrição da ponte lançada por Xerxes para atravessar com seus exércitos o Helésponto.

7. O herói epônimo da casa real da Pérsia era Perseu, filho de Danae e de Zeus; este último desceu ao encontro de Danae disfarçado em chuva de ouro.

8. Ares era o deus da guerra e da destruição na mitologia grega (o Marte dos romanos).

8a. Os dois lados do Helésponto, ligados por meio da ponte feita pelos persas.

9. Febo é um dos epítetos de Apolo, um dos deuses maiores da mitologia grega, significando "luminoso".

10. Havia nas proximidades de Atenas minas de prata, a principal fonte de renda da cidade na antigüidade.

11. *Silênio*. Provavelmente o longo promontório rochoso de Salamina, onde os gregos exibiram seus troféus após a batalha em que derrotaram os persas.

12. No original está "ilha de Ájax" em vez de Salamina (terra natal do herói Ájax).

13. *Ilha das pombas*. Alguma ilhota não-identificada.

14. *Mago*. Os magos constituíam uma tribo dos medos.

15. *Siênesis*. Persa ilustre mencionado por Herôdotos, VII, 98.

16. De Palas um dos epítetos de Atena, deusa padroeira de Atenas.

17. *Ilha de Ájax*. Salamina (veja-se a nota 12)

18. *Pangeu*. Montanha situada na Trácia, freqüentada segundo as lendas por Diôniso e pelas Bacantes.

18a. *Estrímon*. Rio que separa a Trácia da Macedônia.

19. Era comum no Oriente Médio o suicídio nessas circunstâncias. É lógico, então, que seja esta a primeira reação de Atossa.

20. Dario foi um rei archeiro (as armas características dos persas eram o arco e a flecha; veja-se a nota 4), enquanto Xerxes quis ser o rei dos mares. Susiana era a província do império persa em que ficava situada Susa, a capital.

21. "Incorruptível" é o mar, e seus "filhos" são os peixes. Cicreu, pouco antes, era um promontório situado na ilha de Salamina.

22. Veja-se a nota 12 para a "ilha de Ájax".

23. Hermes era o deus incumbido de levar para os infernos as almas dos mortos.

24. A alma de Dario, pai de Xerxes.

25. *Aidoneu*. Epíteto de Hades, o deus soberano dos infernos.

26. *Bactriana*. Uma das principais províncias do império persa.

27. *Poseidon*. O deus do mar, uma das divindades maiores da mitologia grega.

28. *Lídia e Frígia*. Duas regiões da Ásia Menor, importantes até sua conquista pelos persas. A Iônia era um território habitado

por gregos na faixa litorânea da Ásia Menor. Os persas chamavam a Grécia também de Iônia.

29. *Asopo*. Rio da Beócia, cujas nascentes ficam nas proximidades de Platéia e vai desaguar no Euripo depois de separar os territórios dos tebanos e dos plateus.

30. A repetição "criminosos… crimes" está no original, como várias outras que mantivemos na tradução.

31. Platéia. Local da batalha terrestre decisiva entre os gregos e os persas.

32. De acordo com Heródotos (V, 105), Dario havia ordenado que durante cada uma de suas refeições um escravo lhe dissesse três vezes: "Lembra-te dos atenienses, senhor!"

33. O Hális era um rio que separava o território dos medos da Lídia.

34. Estrímon. Veja-se a nota 18a.

35. Além da Salamina próxima de Atenas, na Ática, havia outra na ilha de Chipre, fundada por Teucro em homenagem a Ájax, seu irmão, para lembrar a Salamina da Ática (a "metrópole" do verso seguinte, terra natal de Ájax).

36. Hades. Além de ser o nome do rei dos infernos, Hades era também a denominação da região situada nas profundezas da terra para onde iam os mortos (a "mansão dos mortos").

37. Os mariandinos, povo da Ásia Menor, eram conhecidos por seus cantos fúnebres e sua música triste.

38. Ares. Veja-se a nota 8.

39. "Planície" aplica-se metaforicamente ao mar no estreito de Salamina.

40. Os reis persas serviam-se de funcionários especialmente fiéis, chamados de "Olhos" e "Ouvidos", cuja incumbência era relatar ao soberano o que viam e ouviam.

41. Em grego *Ate*, personificação da calamidade (as palavras gregas são transliteradas em caracteres latinos).

42. Mísio. Os habitantes da Mísia, na Ásia Menor, eram efeminados e conhecidos por suas lamentações ruidosas, a ponto de serem contratados para cerimônias fúnebres na Grécia.

Copyright © 1992, Mário da Gama Kury
Reservados ao tradutor os direitos de representação teatral, de televisão, de radiofonia, fotomecânicos etc.
Copyright desta edição © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 / fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br
Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)
Capa: Sérgio Campante
ISBN: 978-85-378-0987-7

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**